

# A ELABORAÇÃO DE OUTRO SENTIDO SOBRE OS CONCEITOS DE CORPO E SAÚDE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

Reigler Siqueira Pedroza  
SME- Goiânia/GO (RME/GO)  
Comunicação  
Cultura e Processos Educacionais

Esta pesquisa analisou quais as concepções de corpo e saúde presentes na Paidéia Grega, a partir de *A República* de Platão, a fim de contribuir na elaboração de outro sentido na prática pedagógica da Educação Física escolar. Possui um caráter teórico-filosófico, como nos propõe Chauí (1995, p. 21), buscando estruturar a essência, a significação e a origem dos conceitos. As interpretações realizadas por alguns teóricos da Educação Física brasileira, ao afirmarem que em *A República* Platão fazia uma interpretação dual entre corpo e alma, equivocam-se por desconsiderar a forma protétrica com que construía seus diálogos, pois entendia a relação de ambos a partir de uma estrutura bipolar. Vemos na atualidade que a ginástica é praticada com fins utilitaristas que desconsideram a justa medida e os jogos têm ensinado valores individualistas. O corpo tem servido para alimentar a dimensão apetitiva da alma e a temperança não tem sido sua base de equilíbrio mediada pela razão.

Palavras- Chave: Corpo, Saúde e Educação Física escolar.

## 1. Justificativa

Este estudo teve como objetivo investigar as concepções de corpo e saúde a partir da educação filosófica do homem grego tomando por referência a *República* de Platão. A finalidade foi compreender quais as influências que esta proposta de educação antiga apresenta na educação corporal do homem moderno e suas possíveis contribuições para novas reflexões acerca da prática pedagógica da Educação Física escolar.

Nesse sentido, nosso objetivo geral foi: Identificar e analisar quais as implicações que as concepções de corpo e de saúde apresentadas na educação filosófica que influenciaram e influenciam a formação do homem moderno. E os específicos: 1) Buscar, no pensamento grego, a partir da educação filosófica apresentada na *República*, referências para refletir sobre os problemas atuais da prática pedagógica da Educação Física escolar e 2) Contribuir para a fundamentação filosófica do objeto de estudo da Educação Física no que tange a compreensão de suas raízes históricas.

Para isso nos sustentamos em Chauí (1995, p.22) para demonstrar de que forma estes objetivos foram atingidos, visto que esta pesquisa possui um caráter teórico-filosófico. Assim, esta se caracterizou por buscar entender os motivos, as razões, as causas do que pensamos e como pensamos, qual o sentido de pensarmos e dizermos o que fazemos e qual a intenção ou a finalidade do que pensamos. Em outras palavras, buscou-se estruturar a essência, a significação e a origem dos conceitos de corpo e de saúde.

As principais referências teóricas utilizadas para esta investigação foram: Werner Jaeger e Henri-Irénée Marrou no campo da história da educação na antiguidade; *A República* de Platão e Giovanni Reale sobre a educação filosófica e suas relações com o corpo e a saúde; Inezil Penna Marinho, Silvino Santin e Yara Maria de Carvalho sobre

estudos filosóficos da Educação Física na antiguidade; e Ana Márcia Silva, Carmem Lúcia Soares e Denise Bernuzzi de Sant'Anna com relação ao corpo, à saúde e sua educação na modernidade.

## 2.1 Princípios e conceituações essenciais da educação filosófica

Na educação filosófica a alma e o corpo são apresentados a partir de uma polaridade, em que à alma concerne a ciência, a inteligência, as virtudes etc, possuindo como atributos a imutabilidade, a imortalidade e a unidade, e ao corpo, lhe concerne a bebida, a comida, os desejos etc, cujos atributos são a mutabilidade, mortalidade e multiplicidade. De acordo com Reale (2002, p. 178), o corpo representa toda a fonte das paixões, de medos, e dos diversos tipos de vaidade, pois dele deriva os desejos de riqueza. Para conhecer o ser, é necessário se emancipar das paixões, em outras palavras a alma se libertar do corpo.

As virtudes na educação filosófica significa a purificação de toda e qualquer paixão, devendo ser aqui entendido por purificação o processo de elevação ao conhecimento supremo do inteligível. Sendo assim, em *A República* (402 c/427 e) serão destacados os quatro tipos de virtudes, sendo elas: a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça. Cabe-nos agora entender o que concerne a cada uma delas.

A *sabedoria*, em *A República* (429 a), está diretamente ligada à utilização da ciência, como suporte fundamental para a condução das decisões, tanto na vida particular como aquelas de origem pública e coletiva. Já portará a *coragem*, como está definido em *Idem* (429 c-d), aquele que se guardar dos prazeres, paixões, dores e medo, possibilitando que as Leis do legislador não sejam infringidas e que a parte inteligível prevaleça. Desse modo, a *temperança*, *Idem* (432 a), é o equilíbrio entre a natureza superior e inferior, tanto do homem como da cidade, ou seja, de quem irá governar. Seria o controle da razão sobre os apetites e os desejos do corpo (comida, bebidas e sexo), também seria a obediência para com os mestres (professores). Tendo compreendido estas três virtudes, será possível entender em que medida a *justiça*, quarta e última, está interligada a elas. Na *República* (443 d-e/444 a), esta última seria cada parte da alma desempenhando a função que lhe seja própria, sem que uma invada o espaço da outra, existindo entre si uma harmonia perfeita. Interligado a estas virtudes temos as três dimensões da alma, a *racional*, que é a utilização da verdade como condutora de toda e qualquer ação, seja de ordem individual ou coletiva, a *apetitiva* que é nada mais que o desejo, que será controlado pela razão, e, por último, temos a dimensão *irascível* que se diferenciará da razão por ser passional, mas que não pode se igualar à apetitiva por ser o oposto dela.

Um conceito essencial a ser refletido é o de *contemplação da verdade*, pois sem ela a alma não pode tornar-se homem. Primeiramente, é preciso entender que o termo “contemplação” pode ser caracterizado, numa concepção platônica, como sendo a “teoria” e, assim, *contemplar a verdade* é analisar o mundo à luz dos conhecimentos e estudos realizados pela ciência. Segundo Reale (1992, p.162): “As formas de conhecimento são duas para Platão: a mais baixa é a *doxa*, a mais alta é a *episteme* ou ciência: a primeira tem por objeto o *sensível*, a segunda o *suprassensível*”. O mundo sensível irá se dividir em *eikasia* (imaginação) e *pistis* (crença), que são, respectivamente, as sombras e as imagens sensíveis das coisas, e as coisas e os próprios objetos sensíveis. O mundo suprassensível ou inteligível terá também dois graus: a *dianoia* (conhecimento das realidades matemático-geométricas) e a *noesis* é a dialética pura das idéias. Sendo assim, na *noesis* está a centralidade da educação filosófica.

Para chegar a *noesis* é necessário girar o olhar, esta subida ascendente da razão rumo à luz, a escalada da montanha de forma devagar, sendo que podemos definir este movimento como sendo a “violência” da educação filosófica. Todavia, “girar o olhar” é provocar a interrogação, pensar com maior rigorosidade os objetos, buscar a verdade, sair do empírico e ir para o mundo da ideia, ver a totalidade e o particular. O método, ou o caminho sugerido para se alcançar o mundo inteligível, será a dialética. Jaeger (2001, p.912, grifos do autor) afirmará que: “A dialética é a ciência que ‘revoga’ as premissas de todos os demais tipos do saber e *dirige lentamente para o alto os olhos da alma, mergulhados nos pântanos da barbárie*”. Este método ensina a perguntar e responder, cientificamente, para que as dimensões da alma possam, a seu devido tempo, ser trabalhadas, sendo, portanto, dialético o homem que compreende a essência de cada coisa e sabe dar conta dela, de modo que o filósofo seja o dialético, aquele que tem a visão de conjunto e será denominado de ‘guardião’. Será aquele que exercerá a verdadeira *política*, que seria o cuidar da alma (do verdadeiro homem) enquanto que a falsa tem em vista o corpo, o prazer do corpo e tudo aquilo relacionado à dimensão inautêntica do homem.

Cabe-nos, agora, refletirmos em que perspectiva será apontada a educação do corpo nesta concepção filosófica.

## 2.2 O corpo e a saúde na educação filosófica

Para a formação do “guardião”, Platão irá defender, na *República* (410 d-411 e), a necessidade da harmonia entre o corpo e a alma durante o processo educativo, para que este homem não seja excessivamente robusto e mole, mas que a temperança e a coragem sejam as virtudes que irão conduzir o seu “ser”. Como afirma Jaeger (2001), “uma educação meramente ginástica cultiva demais a dureza e a fereza do homem, e uma excessiva educação musical torna o homem muito mole e delicado” (p. 799). Nesta perspectiva, seria possível formar o homem justo que já definimos anteriormente como sendo aquele que consegue manter o equilíbrio e governar seu “ser” através das outras três virtudes. Estas virtudes, que antes a denominamos como sendo ligadas à alma, pelo que se esclarece na *República* (519 a), também se aproximam e estão ligadas ao corpo. Este último teria, portanto, um papel importante no desenvolvimento destas virtudes.

Há, pois, a concepção de que o corpo e a alma podem ser vistos de forma dual:

(...) De fato, no plano físico e antropológico em sentido estrito, Platão assumiu posições bem mais temperadas e equilibradas, considerando “natural” a conjugação da alma com o corpo, e essencial o “cuidado” do corpo. (...). Em todo caso, para compreender a concepção platônica do homem, que recebeu um grande influxo, tanto positivo quanto negativo, é necessário dar-se conta do caráter “protrético” do seu discurso, que, como dizia, desenvolve-se de modo *intencionalmente provocador*. (REALE, 2002 p. 176, grifos do autor).

A partir desta referência, podemos vislumbrar que, na educação filosófica o corpo possuía uma significativa importância e os momentos que, aparentemente, *Na República*, parece haver uma dicotomização entre corpo e mente, deriva da forma protrética com o qual construía seus discursos através da dialética. O que provavelmente existia era esta intenção de provocar para clarear a verdade que almejasse destacar. Por isso, em diversos momentos, o corpo era utilizado para exemplificar hábitos e características do homem que o impeliam de conhecer a essência da verdade e do mundo das ideias.

Reale (2002 p. 180), demonstra que o corpo e a alma devem ser vistos a partir de uma unicidade, não sendo possível separá-los ou dividi-los devido ao fato de fazerem parte de uma *estrutura bipolar*. Desse modo, é preciso destacar que a estrutura bipolar seria a atração entre os contrários de um mesmo objeto e que da sua oposição ou relação intrínseca irá se constituir como totalidade, ou seja, como verdade. Em suma, a estrutura bipolar pode ser assim exemplificada:

Platão apresenta miticamente o modo originário de ser dos homens em forma de esfera, ou seja, em forma de duplas conjugadas em uma unidade como um *inteiro*. (...). É justamente em consequência deste fato que cada “metade” derivada do corte do inteiro procura encontrar a outra “metade” e unir-se com ela para poder retornar à “inteireza original. (REALE, 1992 p. 231, grifos do autor).

Neste aspecto, o corpo e a alma irão se constituir como as duas metades desta esfera que só poderão encontrar sua inteireza ou unidade através de seu encontro, pois são interdependentes. Ambos são uma destas estruturas de sustentação da realidade em sua relação bipolar, onde vislumbramos que esta relação que parece ser dicotômica entre corpo e alma possa na verdade ser a alusão provocativa anteriormente citada.

Em *A República* (410 b - 410 c), Platão destacará que se deve, durante os exercícios físicos, estimular a parte mais generosa da alma, ou seja, as virtudes ao invés de incrementar a força física, tendo em vista, único e exclusivamente, o vigor corporal. Aqui está sendo criticada a realização de atividades corporais destituídas de valores e com fins em si mesmas, portanto, não auxiliando na contemplação da verdade.

Vejamos este diálogo de *A República* (591 d):

(...) no que se refere ao bom estado e à nutrição do corpo, não se fiará no prazer bestial e insensato nem viverá voltado para este lado; tampouco prestará atenção à saúde, nem ao que possa torná-lo forte, sadio e belo, se com isso não puder tornar-se temperante; mas vê-lo-emos sempre ajustar a harmonia do corpo para manter a sinfonia da alma.

Desse modo, verifica-se que existe uma necessidade de temperança, ou seja, de equilíbrio da dimensão apetitiva da alma, relacionada com esta virtude, diretamente ligada ao corpo. Isso permitirá que as virtudes e as partes da alma que convivem de forma polar com o corpo mantenham-se em equilíbrio, além de levantar a crítica da busca do belo, ligado somente aos atributos físicos que existiam na época e que são tão fortes nas academias de ginástica da nossa atualidade. Na Grécia, a ginástica tinha fins utilitários (militares, competições esportivas, luxúria, busca por corpos robustos sustentados em padrões de beleza etc) e por isso vários trechos de sua obra parecem renegar o corpo por ligá-lo, por provocação, à dimensão apetitiva da alma.

A definição de “saúde”, nesta proposta de educação, ou seja, seu ponto de partida sem dúvida foi a medicina, mas o que extraiu dela foi amplamente aprofundado e fundamentado nos princípios da filosofia. Para entendermos esta definição, seria necessário submetê-la à conceituação de *justa medida*, que segundo Reale (2002 p. 189) é a harmonia entre o mundo interior do indivíduo com o seu exterior, uma perfeita cooperação entre o sentir-se bem e o mundo exterior. É preciso entender que a *justa medida* não será o meio termo, a padronização como, por exemplo, se faz na modernidade criando padrões de percentual de gordura que deve ter o indivíduo, pelo contrário, será aquilo que é adequado em si. Em outras palavras, a *justa medida* reside no fato de que não se pode definir com exatidão, estando em constante processo de mudança.

Portanto, a concepção de saúde apresentada aqui é ampliada em que a parte do corpo não pode ser curada senão em função de todo o corpo, e o corpo não poderia ser curado sem a alma. Existe, então, uma relação de interdependência entre o corpo e a alma, na sua relação bipolar, para que o homem possua saúde. Todavia, a *justa medida* mais importante, da qual depende uma última análise a saúde, é aquela instaurada entre o corpo e a alma. Vale lembrar que a enfermidade será entendida não somente como exclusiva do campo biológico, mas também como um acontecimento biográfico e social. O mestre de ginástica seria o responsável por ensinar exercícios físicos sustentados nesta concepção de saúde, devendo o guardião cuidar de sua saúde valendo-se do princípio da justa medida e entendendo que esta não se restringia à dimensão biológica.

Em *A República* (443 d-e/444 a) é destacado que os jogos realizados pelas crianças desde tenra idade e, principalmente, durante as fases iniciais da escolarização devem estar em consonância com as quatro virtudes propostas pela educação platônica. Isto denota uma compreensão de que os jogos e sua realização não possuíam um fim em si mesmo, mas que transmitiam um conjunto de valores éticos e morais, podendo estes auxiliarem ou atrapalharem na formação filosófica. Jaeger (2001 p. 1356) irá afirmar que nesta perspectiva o jogo ganha um valor educativo, sendo esta forma de compreendê-lo ainda ignorado por tendências acríicas de Educação Física escolar, dando-lhe uma acepção utilitarista. Em *Idem* (395 b – 395e), afirmará que o jogo será a atividade educativa preponderante desta fase da vida, deve estar imbuído de valores sustentados na verdade, pois, do contrário, os vícios ensinados às crianças, através dos jogos, poderão ser levados à fase adulta de forma naturalizada.

Dessa forma, passemos agora a algumas reflexões sobre como o corpo tem sido visto em nossa modernidade por alguns teóricos brasileiros.

### **2.3 Corpo e alma na Educação Física**

Existe uma compreensão hegemônica na Educação Física brasileira a partir da década de 1980, neste trabalho utilizamos Marinho e Santin para demonstrar isso, de que a separação entre corpo e alma, foi primeiramente realizada pela educação filosófica. A obra referendada para demonstrar isto é *A República*.

De acordo com Marinho (1984, p.90), a compreensão platônica levou a um paralelismo rigoroso entre corpo e alma, que impossibilitava a sua aproximação ou qualquer forma de comunicação, o que não é de todo verdade, como já demonstramos. A ciência moderna abraçou esta forma de compreender a realidade e o corpo passou a ser interpretado de tal forma que não possui nenhuma aproximação com as dimensões da alma. Segundo Santin (2003, p.31), a própria nomenclatura “Educação Física” traz dificuldades em olhar sua prática pedagógica para além de uma dimensão eminentemente física/biológica, visto que sua denominação já a restringe a isso, uma vez existindo uma educação *física*, eminentemente existirá uma outra que seja *intelectual*. De acordo com Silva (2001a, p.14), a partir de Descartes, o processo de separação entre corpo e alma se torna mais evidente. Dessa forma, a concepção “uno” de homem presente em *A República*, na qual corpo e alma fazem parte de uma estrutura bipolar, irá se perder e o corpo passará a ser visto de forma separada da alma na modernidade.

Esta fragmentação, no campo das práticas corporais, sofrerá forte influência, segundo Silva (*Idem*, p. 44), de uma especialidade médica denominada de “Medicina do Esporte”. Compreender o homem a partir de diversas partes estanques entre si é um equívoco, sua constituição apresenta-se numa totalidade, ora pelo pensar, ora pelas

emoções, ora pela sua gestualidade, enfim. Nesta perspectiva, suas ações não podem ser num determinado momento físico e em outro psíquico, mas sempre totais, como destaca Santin (2003, p.34). Quando este autor afirma que os gregos, dentre eles Platão, construíram um emaranhado de divisões e subdivisões sobre a compreensão do real que perdeu sua noção global, talvez tenha feito uma generalização indevida. É possível que uma das explicações para isso seja à inexistência no período em que publicou seu livro das interpretações de Platão alicerçada na *protologia não-escrita*, ou seja, na tradição oral. Esta quarta via, como nos afirma Reale (1992, p.45), diferencia-se substancialmente das três correntes tradicionais de análise da obra de Platão, sendo elas: *a chave metafísica e gnosiológica, a temática religiosa e a ético-político-educativa*.

Já Marinho (1984, p.74), ao se referir a “*A República*” de Platão, dirá que a ginástica e a música irão estabelecer a harmonia entre o corpo e o espírito. Mas não avança a discussão no sentido de descrever em que contexto e com quais intenções isto foi dito, pois pode ser interpretado como um dualismo entre o corpo e o espírito que, portanto, receberiam educação distinta. Marinho (Idem, p.24) ainda afirma que, para Platão, a felicidade está na combinação da sabedoria com o prazer, do seu equilíbrio. Neste aspecto, onde a Educação Física se relacionaria com a busca pela felicidade platônica? Esta reflexão não é feita por esta obra, mas podemos tecer aqui algumas considerações. A Educação Física está ligada à dimensão apetitiva da alma, portanto, sua virtude correspondente é a temperança. Sendo assim, as práticas corporais deverão contribuir para o desenvolvimento das habilidades físicas de cada indivíduo tendo por referência a harmonia, ou seja, evitando os prejuízos provocados pelo excesso de treinamento físico, para que ele possa cuidar de sua saúde e se expressar corporalmente com liberdade. Assim, se efetivará a justiça, que consiste no equilíbrio das dimensões da alma com suas virtudes correspondentes, onde a razão terá o domínio e o corpo seria levado em consideração.

### **3. Algumas contribuições da educação filosófica para se pensar a Educação Física escolar**

Notamos na atualidade uma tentativa de padronização do corpo, no que se refere à sua composição corporal (medidas, tamanho, peso, percentual da composição química – gordura, proteína, sais minerais etc). Vemos, a todo momento, comerciais que acentuam a busca por um corpo belo, perfeito, os concursos de beleza reforçam esta ideia. Cabe-nos perguntar a que interesses esta visão e usufruto dado ao corpo estão servindo. Segundo Silva (2001a, p.03), existe uma

(...) enorme preocupação que os indivíduos contemporâneos têm com sua dimensão corporal e a sua concomitante insatisfação, ao não corresponder com a expectativa que lhe é colocada. A insatisfação leva a intervenções drásticas sobre o corpo, como as cirurgias plásticas, as mais variadas dietas, as diferentes ginásticas cada vez mais especializadas em modelar milimetricamente o corpo humano, além da ingestão de medicamentos e produtos químicos com essa finalidade.

Existe uma enorme insatisfação das pessoas com o seu corpo, devido a um culto à magreza, que provoca na sociedade a criação de um fetiche de busca por um corpo dito “perfeito”. Esta perfeição está submetida a uma lógica de consumo, corpo perfeito é o corpo que consome, como exemplo podemos citar: aulas em academia de ginástica, produtos de beleza, suplementos alimentares, cirurgias plásticas etc. A educação filosófica já demonstrava ser impossível que o homem alcançasse a perfeição, a *arete*, pois ela pertencia somente aos deuses, mas caberia ao homem buscá-la pela

Paideia. Segundo Carvalho (2001, p. 173), Platão definirá a perfeição como a união entre a beleza e a virtude. Ressaltando que este entendia a beleza – física – não a partir de corpos robustos submetidos a treinamentos ginásticos em excesso, mas que realizava práticas corporais tendo como princípio a justa medida, ou seja, aquilo que seja realmente necessário ao corpo e à sua individualidade. Esta compreensão é importante para a Educação Física escolar superar as influências que as instituições médica e esportiva tentam engendrar em sua prática pedagógica, no que se refere a lhe empregar um fim utilitarista.

A perfeição, na educação filosófica, diferencia-se substancialmente da outra, pois não está conectada exclusivamente à matéria e à busca incessante por atingir um padrão estético de corpo. Pelo contrário, seria o alcance da plena justiça, que impediria, por exemplo, a compreensão da existência de um padrão de corpo a ser alcançado que é um falseamento da realidade, uma aparência. Permitiria ao cidadão distinguir o mundo sensível pelo inteligível e evitaria os transtornos sociais que esta concepção de corpo tem trazido na atualidade. Incube-se, portanto, a Educação Física escolar de problematizar estas práticas sociais e possibilitar um novo olhar sobre o sentido de nossa relação com o corpo.

Segundo Soares (2001, p.118): “Para a Ginástica/Educação Física do século XIX, e porque não dizer do século XX também, o corpo foi compreendido como lugar das mais distintas manipulações engendradas a partir de uma racionalidade dada pela máquina”. Nesse sentido, o corpo deve gastar a energia em excesso para obter uma “boa forma”, tornando-se mais sexualizado e sensual. O corpo hoje não é mais visto como a morada da alma, mas sua expressão, o que justificaria o uso das tecnologias para sua modelagem.

De acordo com Sant’Anna (2001, p.09), Platão entenderá que a doença advém do desequilíbrio entre os quatro elementos do corpo (a terra, o ar, o fogo e a água), juntamente ao desequilíbrio existente entre corpo e alma. Se a centralidade dos objetivos da Educação Física escolar estiverem em problematizar as diversas formas de manifestação do corpo ao longo da história da humanidade, levando em consideração seus sentidos e significados, realizar uma reflexão através da dialética que possibilite aos alunos contemplar outra verdade sobre o corpo, que não esta atual, torna-se importante.

Como afirma Soares (2001, p.119), o corpo é visto, hoje, como sendo o santuário dos músculos, caracterizado como um emblema do mundo das aparências. Isso dificulta atribuir-lhe um novo trato que fuja ao seu culto estético que tem como “pano de fundo” interesses mercadológicos. No campo das práticas corporais, os efeitos disso têm sido uma busca expressiva das pessoas pelas academias de ginástica. De acordo com Silva (2001a, p.50), isso tem provocado um fato novo, que é o vício em exercícios físicos. Este vício anda na contramão do tipo de ginástica defendida para os guardiões, que deveriam ser simples tendo como princípio a justa medida.

A esta nova beleza e forma de enxergar o corpo necessita a Educação Física escolar, olhá-lo com uma nova essência, outros sentidos, novos significados, outra expressividade que, em suma, é dar-lhe uma totalidade que resista à concepção hegemônica reducionista e empobrecida que tentam lhe caracterizar na atualidade. Ela não deve manter uma passividade mediante uma adesão cega a modismos do mercado, tampouco ser ingênua frente à indústria do corpo, de fatalismos biológicos determinando suas aulas na escola etc. Pelo contrário, deve resistir a estas imposições que lhe são colocadas que permita, num determinado momento histórico, superá-las.

#### **4. Considerações Finais**

A Educação Física possuía uma grande importância na educação grega, como nos aponta Marrou (1990 p.185), estava relacionada a todo um conjunto de preocupações, higiênicas e médicas, estéticas e éticas a um só tempo. Apresentava um papel essencial de iniciação à vida civilizada.

Na educação filosófica, temos, pois, grandes contribuições que podem qualificar a prática pedagógica da Educação Física escolar. Para começar, podemos desmitificar as interpretações que foram dadas sobre a interpretação da relação entre corpo e alma, em que esta não seria dual, ou seja, separada e incomunicável, mas que assumiam uma estrutura bipolar. Portanto, a diferenciação entre corpo e alma tinha, na verdade, um caráter protrético.

Essa nova forma de enxergar este objeto traz, para a Educação Física escolar, um novo olhar, e talvez a refutação das críticas feitas por autores da ao afirmarem que Platão separava de forma dicotômica corpo e alma. Ele, pelo contrário, dava uma importância significativa à educação corporal, como podemos demonstrar nesta pesquisa, ao analisar em *A República*, diálogos que apontavam qual ginástica deveria ser ensinada para os guardiões, devendo esta ser simples. E, por último, destacava a importância do jogo durante os primeiros anos de vida para o ensino das quatro virtudes, que denominamos, na atualidade, de educação infantil.

O simbolismo presente nas práticas corporais tem sido esmagado por fins utilitários dados ao corpo na modernidade, cujo objetivo é a satisfação das paixões. Ora, a esta compreensão e usufruto do corpo, a educação filosófica já apontava como sendo dificultadora da Paideia, por levar o cidadão a olhar para a sombra e impossibilitar a contemplação da verdade. Temos hoje, pois, bastante claro os prejuízos danosos que esta trato dado ao corpo em nossa sociedade atual tem provocado, em *A República*, Platão já refutava formas utilitaristas de educação do corpo.

A sofisticação que os exercícios físicos, a ginástica e o esporte adquiriram na modernidade, juntamente com sua sofisticação alimentar, provocou uma desarmonia entre o corpo e a alma. Isto leva ao conjunto de enfermidades e problemas de saúde que enfrentam as pessoas que se submetem a estes tipos de práticas corporais. Nesse sentido, a educação filosófica pode contribuir para a constituição de uma Educação Física escolar que, efetivamente, tenha sentido e significado na vida dos alunos, que possa contribuir com o desenvolvimento de sua autonomia e sua criticidade.

O conceito de justiça, que vislumbra a necessidade de uma harmonia entre as dimensões da alma e as virtudes, é totalmente desconsiderado nas aulas de Educação Física escolar nas concepções tradicionais. Estas dão às práticas corporais basicamente duas finalidades: a primeira de desenvolvimento das faculdades biológicas relacionadas ao aspecto motor e a segunda deve servir como base da pirâmide de preparação dos atletas para o esporte de alto rendimento. Ambas dão à Educação Física escolar uma compreensão reducionista. Acreditamos que toda gestualidade humana possui um significado, um simbolismo, uma intenção, portanto negar-lhe estes aspectos é negar que suas práticas estejam desprovidas de valores, que podem auxiliar ou não no desenvolvimento das virtudes. Assim, a Educação Física, dependendo do trato pedagógico que lhe for dado na escola, pode contribuir para a formação de homens justos ou injustos.

Ora, se uma essência primordial da educação filosófica esta no princípio da justiça, é necessário que estas interpretações dadas ao corpo na atualidade sejam tematizadas e problematizadas na Educação Física escolar, com o objetivo de superar estas formas desumanizadoras que lhe tem sido atribuídas na atualidade. Cabe, portanto, a esta disciplina escolar inverter esta lógica e dar uma outra possibilidade de



conhecimento do corpo para os educandos. Nessa outra perspectiva, o corpo teria possibilidades de criação, seria repleto de expressividade e de significação.

## 5. Referências

- CARVALHO, Yara Maria de. In: Corpo e história. *Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia Antiga*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001b. p. 163-176.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13 ed. São Paulo, SP: Ática, 2008. 424 p.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 4 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. 1413 p.
- MARINHO, Inezil Penna. *Introdução ao estudo da filosofia da educação física e dos desportos*. 1 ed. Brasília, DF: Horizonte, 1984. 243 p.
- MARROU, Henri-Iréné. *História da educação na antiguidade*. 5 ed. São Paulo, SP: EPU, 1990. 639 p.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006. 416 p.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Grega e Romana - Platão*. 9 ed. São Paulo, SP: Loyola, 1992. P309.
- \_\_\_\_\_, Giovanni. *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão*. 1 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2002. 280 p.
- SANTIN, Silvino. *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. 2 ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2003. 167 p.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. In: Corpo e história. *É possível realizar uma história do corpo?* Campinas, SP: Autores Associados, 2001b. p. 03-24.
- SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade*. 1 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001a. 144 p.
- \_\_\_\_\_, Ana Márcia. In: Corpo e história. *A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001b. p. 25-42.
- SOARES, Carmem Lúcia. In: Corpo e história. *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001b. p. 109-130.